

GÊNERO E PODER NO CARÁTER PEDAGÓGICO DAS VIDAS PARALELAS: O EXEMPLO DE CLEÓPATRA E OTÁVIO

Gregory da Silva **Balthazar** – UFRGS

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

Na antiguidade, Plutarco da Beócia compilou, no primeiro século de nossa era, uma série de biografias comparativas de legisladores, generais e governantes gregos e romanos, construindo um dos mais importantes conjuntos documentais sobre a história do mundo greco-romano. Entre tanto, estas *Vidas Paralelas* fazem parte de um projeto moral maior, em que o biógrafo buscava, pela história de vida de diferentes homens públicos, edificar um discurso educacional sobre a necessidade de justa medida para aqueles que, em sua época, se dedicavam ao governo dos outros. Por meio de um diálogo entre a história e a educação, objetivamos, com a presente comunicação, pensar o lugar do gênero no discurso moral e pedagógico das *Vidas* de Plutarco, tomando como estudo de caso a narrativa que o biógrafo faz da relação política de Otávio e Cleópatra.

Palavras-Chave: Plutarco; Gênero; Poder; Educação; Moral.

GÊNERO E PODER NO CARÁTER PEDAGÓGICO DAS VIDAS PARALELAS: O EXEMPLO DE CLEÓPATRA E OTÁVIO

Em seus tratados morais, Plutarco escreveu que Cleópatra era a fortuna de Otávio César (*Da Fortuna dos Romanos*, 7), uma vez que a anexação do Egito como província teve profunda influência no fortalecimento e ascensão política do primeiro imperador romano. É curioso pensar como uma mulher desempenhou, no ver deste pensador grego, um papel fundamental nos eventos que marcam a passagem de uma Roma republicana para o Império.

Plutarco foi caudatário de uma tradição intelectual que remonta aos pensadores da Grécia clássica, momento em que observamos a emergência de um debate filosófico sobre o lugar das mulheres na vida da *pólis*. Sob o modelo *mélissa*, a historiografia moderna determinou um lugar específico para as mulheres na cidade, a saber, o espaço doméstico, uma reclusão ao gineceu marcado pelo silêncio e pelo recato. Neste prisma,

propomos, instigados pela citação acima, nos debruçarmos sobre as *Vidas Paralelas* de Plutarco, conjunto documental constituída por cinquenta biografias comparando a vida de governantes, legisladores e militares gregos e romanos com um forte apelo moralizante e pedagógico. Objetivamos, aqui, problematizar o lugar que o gênero ocupa no caráter educacional das *Vidas Paralelas*, tomando como estudo de caso o relato plutarquiano sobre a relação política entre Otávio (primeiro imperador romano) e Cleópatra (última rainha do Egito).

Para tanto, analisaremos a documentação plutarquiana por meio do eixo categorial gênero, não o compreendendo somente como uma categoria social da diferença sexual, mas como uma forma dóxica de pensamento que opera simbolicamente em diferentes âmbitos do social, ou seja, se o gênero foi por tanto tempo estudado como um dos efeitos da dominação e da normalização política, faz-se necessário entender de que maneira o gênero é estruturante de instituições e formas de pensar (MARTINS, 2012). Inscreve-se, neste pressuposto, uma articulação intrínseca entre gênero e educação, tendo em vista as complexas formas como os processos culturais veiculam saberes e valores sociais, tornando-se participes do processo de subjetivação dos indivíduos (MEYER, 2003; SCOTT, 2012). Nesse âmbito, desejamos apontar, por meio desta análise, como o gênero estruturou o pensamento político plutarquiano, o que, em algum sentido, nos permite questionar a edificação moderna da ideia de uma misoginia no pensamento antigo, cujo exemplo maior estaria inscrito no modelo *mélissa*.

A figura de Cleópatra ocupou um papel secundário nas biografias plutarquianas, sendo introduzida apenas quando seu caminho se entrecruzou politicamente com três dos maiores nomes da história romana, a saber, Julio César, Marco Antônio e Otávio Augusto. A relação entre o último e Cleópatra encontra-se retratada na *Vida de Antônio*, uma vez que a biografia que Plutarco escreveu sobre Otávio não sobreviveu ao tempo. No início da biografia paralela a de Antônio, Plutarco apresentou que seu *objetivo primeiro* na composição destas duas biografias foi *moral e pedagógico* – algo que não exclui, por exemplo, a interpretação de um caráter histórico desta narrativa:

As mais perfeitas artes de todas, a saber, a temperança, a justiça e a sabedoria, têm por função distinguir, não apenas o que é bom, justo e oportuno, mas também o que é mau, injusto e vergonhoso (...). E embora eu não ache que descrever a perversão de alguns para assegurar a definição correta de outros seja muito humano (...), talvez não seja muito errado para mim introduzir um par ou dois em minhas

biografias, não com o intuito de divertir ou distrair meus leitores dando variedade à minha escrita. Ismenias de Tebas costumava exibir bons e maus flautistas aos seus pupilos e dizia ‘vocês devem tocar como este’ ou ‘vocês não devem tocar como este’; e Antigenidas costumava pensar que jovens rapazes escutariam com maior prazer os bons tocadores de flautas se também lhes fossem dado exemplos ruins. Então, **eu penso que nós devemos ser mais ansiosos em observar e imitar melhores vidas se não fomos deixados sem narrativas das censuráveis e más.**

Este livro, portanto, conterá as vidas de Demétrio, o sitiador de cidades, e de Antônio, o Imperator, homens que emprestam grande exemplo para a verdade dos dizeres de Platão, a saber, que grandes naturezas exibem grandes virtudes, assim como grandes vícios (*Demétrio*, 1.3;5-7).¹

A analogia com a música, utilizada por Plutarco, deixou claro a função da biografia de Antônio no conjunto das *Vidas Paralelas*: ser um exemplo de uma vida, uma forma de governo, censurável para ser contraposta a exemplos de vidas de políticos virtuosas. Esta oposição, então, serviria para um fim pedagógico, ou seja, facilitar o entendimento de quais vidas, ou atitudes dos biografados, a audiência plutarquiana deveria se espelhar. De tal modo, não focaremos na questão se as informações das biografias reconstituem ou não os *atos verdadeiros* da vida de Cleópatra, mas, sim, como a releitura de Plutarco sobre a vida da rainha egípcia se mostra potente para pensarmos o caráter pedagógico de gênero que atravessa as *Vidas*.

Antes de partirmos para a análise, é necessário evidenciar o caráter impar dos textos plutarquianos na antiguidade, o que se desdobra em uma tensão do papel feminino na edificação das biografias que serviam de exemplos para os governantes de seu tempo. Enquanto um intelectual grego vivendo sobre a égide do Império romano, Plutarco construiu uma obra de resistência política, em um movimento de preservação da cultura literária grega, enfim, uma manifestação cultural-identitária de um grego dominado pelas redes de poder do Império romano (SILVA, 2007; CERQUEIRA, 2010).² Sob esta perspectiva, diferentes estudiosas/os têm destacado como Plutarco ressaltou, com seus textos, um lugar privilegiado de atuação feminina para a

¹ A tradução segue conforme proposta por Benadotte Perrin (1967, p. 3-5).

² Segundo Maria Aparecida Silva (2007, p. 57), a “literatura à época imperial revelou-se em muitos autores, como Plutarco, um meio de expressão cultural, não somente para exibir suas habilidades retóricas ou seus amplos conhecimentos, mas para que o mundo romano reconhecesse neles um povo diferenciado, culto e, principalmente, importante à sustentação política e cultural do Império”. Sob esta premissa, os ditos plutarquianos se constituíram enquanto uma forma sutil de resistência intelectual, que, ao não primar pelo rompimento das relações de dominação (pois manteve importantes conexões com o poder romano, especialmente em um sentido econômico), demonstrou como o poder político no Império apresentou-se mais contrabalançado em sua distribuição.

manutenção da ordem na cidade (McINRNEY, 2003; SILVA, 2005; SILVEIRA, 2006). Assim, podemos pensar que subjacente ao padrão do modelo moderno construído em torno do ideal *mélissa* - a boa esposa, aquela do silêncio, do recato, da clausura doméstica - se constituiu a relação do feminino com a cidade e o poder político (ANDRADE, 2011; LEITE, 2009; LESSA, 2010; JUNQUEIRA, 2011; SANTOS, 2011). E é sob este prisma que buscamos traçar outra leitura dos jogos de poder, evidenciando, por meio do exemplo da disputa entre Cleópatra e Otávio, como o gênero foi parte constituinte do pensamento de Plutarco, logo, de seus ensinamentos políticos.

Um dos primeiros entrecruzamentos entre Cleópatra e Otávio, na *Vida de Antônio*, se deu na contraposição que Plutarco realizou entre a figura da rainha egípcia e a irmã do então triúmviro, Otávia. Contudo, antes de problematizarmos a constituição de uma dicotomia política de gênero presente na relação Cleópatra-Otávia, é preciso primeiramente pensar na forma que nosso moralista apresenta a monarca do Egito. Ao apresentar a relação amorosa entre Cleópatra e Antônio, Plutarco pontou como o amor da egípcia despertou inúmeros vícios no general romano, afastando-o, em nossa visão, de códigos de masculinidade percebidos por Plutarco como fundamentais na formação de um bom governante, principalmente a justa medida (σωφροσύνη).³

Com semelhante caráter, Antônio abismou-se na desgraça por amor de Cleópatra, amor que despertou e desencadeou nele inúmeras paixões ainda adormecidas e sufocou o que, apesar de tudo, podia ainda existir de honesto e saudável em sua alma. Eis como foi apanhado. Quando empenhado na guerra com os partos, ordenou-lhe que viesse vê-lo na Sicília para justificar-se das acusações que lhe eram imputadas de ter dado dinheiro a Cássio e havê-lo ajudado a sustentar a guerra (*Antônio*, 25.1).⁴

Ao introduzir Cleópatra na *Vida de Antônio*, Plutarco deixou claro seu papel no desenvolvimento moral e político de seu biografado. Para elucidar isto, destacamos algumas escolhas e sentidos de vocábulos utilizados por Plutarco⁵: as palavras κρυπτομένων (escondido/oculto) e ἀτρεμούντων (quiescente) podem possuir, segundo

³ Diversos/as especialistas destacam a justa medida (σωφροσύνη) como um elemento importante da construção de uma masculinidade hegemônica na Grécia antiga, uma parte fundamental do projeto cívico da *paideia*. Ver, por exemplo, Meriel Jones (2012), Michel Foucault (2007a; 2007b) e Thomas Van Nortwick (2008).

⁴ A tradução da *Vida de Antônio* segue conforme proposta por Gilson Cesar Cardoso, publicada pela editora Paumape em 1992.

⁵ Na tradução de Gilson Cardoso encontra-se suprimido o termo ἀτρεμούντων e ἀναβακχέουσας. Perrin, por exemplo, traduziu a frase “(...) πολλά τῶν ἐπι κρυπτομένων ἐν αὐτῷ καὶ ἀτρεμούντων παθῶν ἐγείρας καὶ ἀναβακχέουσας (...)” da seguinte forma: “(...) despertou e levou ao frenesi muitas paixões que se encontravam ainda ocultas e quiescentes nele (...)”.

Christopher Pelling (2005, p. 184), um sentido médico, respectivamente de “dormente” e “estável”; ἀναβακχέουσας, caso sigamos a proposta de Bernadotte Perrin (1968, p. 191) em traduzi-la como “frenesi”, podemos extrair o sentido de um romper ou um despertar do desvario báquico; e ἀλίσκεται (apanhado) traz o significado de ser conquistado, em uma acepção de cair em mãos inimigas.⁶

Nessa premissa, inferimos como Antônio foi conquistado/dominado por amar com paixão (ἔρωσ). Este termo apareceu na biografia como uma impulsividade ou descontrole provocado pelas artes do deus Baco (festas e bebidas), quase em um estado de doença (νόσος) que acometia o apaixonado.⁷ Em nossa leitura, compreendemos que Plutarco trabalhou o amor (ἔρωσ) como um atributo da política de uma mulher que, conforme evidenciaremos à frente, não se enquadrou em certos padrões gregos de comportamento feminino – modelo de feminilidade que, como mencionado acima, a historiografia moderna descreveu sobre a égide do termo *mélissa*. A política de Cleópatra – enquanto uma feminilidade desviante – levou homens a perderem em algum ponto de sua trajetória a justa medida, colocando em risco todo o lugar de Antônio enquanto governando, o que ia de encontro ao sentido pedagógico de *homem político* construído por Plutarco.

Em contraposição à Cleópatra (um mal que despertou vícios em um homem, o que o levou à sua desgraça), Plutarco apresentou Otávia como uma oportunidade de trazer Antônio à razão. Portanto, com o intuito de promover a paz no território romano, Antônio e Otávio acordaram em uma aliança selada pelo casamento do primeiro com a irmã mais velha do segundo.

(...) [Otávio César] amava singularmente essa irmã, que segundo se dizia era um primor de mulher. (...) [Antônio] não negava sua ligação com Cleópatra, mas sim seu casamento com ela, circunstância que leva a crer que ainda se esforçava para combater o amor nutrido pela egípcia. Todos, pois, preconizavam o casamento na esperança de que Otávia, séria e inteligente, além de bonita, uma vez unida a Antônio por certo conquistaria sua ternura e salvaria completamente a situação, assegurando a harmonia entre os dois rivais (*Antônio*, 31.1-2).

⁶ Sobre as formas como o amor pode dar sentido à guerra e vice e versa na literatura clássica, vide no oitenta (80) no presente capítulo.

⁷ Para Maria Regina Candido (2006, p. 37), durante toda a extensão do período clássico e helenístico, a raiz do verbo ἔρωσ (amar com paixão) permaneceu próximo ao sentido de desejo sexual. O conceito está presente nos termos *eromenos* e *erastes* personificados pelo deus Eros, cuja força nos faz apaixonar por outra pessoa. Assim, a paixão envolvia o amante de dores, torturas e loucuras, sintomas que se aproximavam de um quadro de doença.

A comparação dual foi base da estrutura das *Vidas Paralelas*, pois seu conjunto se constituiu de biografias comparadas entre a vida de um grego com um romano. Porém, em nosso caso, a questão não se encontra no projeto político plutarquiano de valorização de uma cultura grega no Império. A oposição Cleópatra-Otávia nos remeteu a um discurso pedagógico e moralizante de gênero, feminilidades binariamente contrapostas por Plutarco para edificar uma exemplaridade de modos de vida femininos, um a ser seguido e outro a ser evitado.

Nosso moralista caracterizou Cleópatra como uma mulher inteligente, de grande poder em sua fala e que estava no auge de sua feminilidade (*Antônio*, 25), não que isso a caracterizasse como uma mulher bela fisicamente. No caso de Otávia, Plutarco se referiu a ela como uma mulher de grande beleza (κάλλει), dignidade (σεμνότητα)⁸ e inteligência (νοῦν), atributos que a aproximam de códigos de uma feminilidade ideal. Dessa forma, o casamento com esta mulher de muitas qualidades foi percebido por Plutarco não só como um ato para manter a harmonia (σύγκρασις) no Império, mas como uma chance de salvação (σωτηρίαν) para um homem político como Antônio.

Para o biógrafo, o general deveria negar seu amor/paixão (ἔρωτα) por Cleópatra em nome de um o amor fraternal (στεργθεῖσιν) por Otávia, um fruto de uma união saudável entre um homem e uma mulher.⁹ A partir desta oposição entre a paixão e o amor fraternal, o biógrafo definiu o papel desempenhado por essas mulheres na vida de Antônio.

(...) Mas Cleópatra, vendo nela uma adversária, temeu que a nobreza de seu caráter e a força de [Otávio] César acrescentasse os encantos da conversação e da intimidade, tornando-se invencível e apossando-se completamente do marido. Fingiu, pois, experimentar por ele uma grande paixão e começou a emagrecer evitando o excesso de comida. Quando Antônio aparecia, os olhos de Cleópatra destilavam encantamento; quando ele partia, aflição e abandono. Agia de modo a permitir que Antônio a visse frequentemente chorar, ocasiões em que se apressava a enxugar as lágrimas, como se não desejasse que ele as percebesse. Isso fazia Cleópatra enquanto Antônio se preparava para ir à Síria e ir ao do medo. Os bajuladores dela apressavam-se a acusar Antônio de dureza e insensibilidade, pois deixava morrer uma pobre mulher que só por ele ansiava: “Otávia”, diziam, “só desposou Antônio por motivos políticos, devido ao irmão. Goza do título de

⁸ A tradução de σεμνότητα como dignidade ao invés de séria, como consta na tradução brasileira, segue conforme proposto por Perrin (1968).

⁹ Carlos Martins de Jesus (2009, p. 16-17) demonstrou como no tratado *Diálogo sobre o Amor*, de autoria de Plutarco, existe uma problematização entre o amor sexual e o amor conjugal. Segundo o autor, Plutarco defende, a partir de uma influência estoica, o casamento como uma união de *philia*, ou seja, o casamento seria uma fusão integral entre o casal, pautada na fidelidade, na virtude, na nobreza de caráter e na comunhão da vida.

esposa, ao passo que Cleópatra, soberana de um vasto reino, é chamada a barregã de Antônio – pecha que ela não recusaria, nem acharia indigna de si caso lhe fosse permitido vê-lo e viver com ele. Separada de Antônio, não sobreviverá!” (*Antônio*, 53.3-5).

Nesta passagem, Plutarco narrou como Cleópatra reagiu à presença de Otávia e suas ações para manter Antônio ao seu lado. A dignidade (σεμνότητι) de Otávia, sua assídua atenção (θεραπεύειν)¹⁰ para com o marido e, principalmente, a proximidade com Otávio (τῆ Καίσαρος δυνάμει προσκτησαμένη τὸ καθ’ ἡδονὴν ὁμιλεῖν) ameaçavam o poder que a rainha exercia sobre Antônio. Como se pode apreender na última qualidade elencada, a união de Otávia com o Antônio possuiu um fim político, a saber, a manutenção e coesão do poder romano.

Compreendemos, assim, que a união de Antônio com Otávia ou Cleópatra, na descrição plutarquiana, possuiu um fim político, mas, em nosso entendimento, existiu uma diferenciação entre uma feminilidade ideal – Otávia representou o laço político entre homens, buscando a estabilidade política de Roma – e uma feminilidade desviante – Cleópatra simbolizou a união política entre uma mulher politicamente influente e um homem politicamente fraco.

Estas questões nos permitem conjecturar como Plutarco identificou a relação de Cleópatra para com Antônio como unicamente política, posicionando o enlace amoroso como instrumento do poder. Em meio a esse enredamento, a rainha provocou o amor do general, despertando diversos vícios imanes em seu caráter. Em nossa leitura, essa ideia permitiu à rainha utilizar sua relação amorosa em seus planos para a expansão e manutenção do reino do Egito.

Plutarco utilizou, em nossa percepção, a contraposição entre Otávia – a esposa legítima (γαμετῆς), que casou em pró de um bem maior, a paz em Roma, e se configurou como uma possibilidade de salvação de um governante em desgraça – e Cleópatra – a amante (ἔρωμένην)¹¹ estrangeira, que firmou uma aliança político-amorosa para aumentar seu poder e se tornou um mal na vida de um governante romano – enquanto um meio de demonstrar como um bom governante precisava de uma mulher com qualidades específicas.

Percebemos, assim, a existência de uma concepção de complementariedade dos gêneros em Plutarco. Ao compreendermos as características de Otávia como parte do

¹⁰ A tradução da palavra *θεραπεύειν* como assídua atenção segue conforme Perrin (1968).

¹¹ A palavra *ἔρωμένην* foi traduzida para o português como barregã, isto é, cortesã. Contudo, conforme proposto por Perrin (1968) e Pelling (2005), a palavra possuiu o sentido de amante.

conjunto de códigos de feminilidade presente nas *Vidas*, podemos inferir como o projeto plutarquiano de uma masculinidade bem sucedida – um governante ideal – dependeu, em certa medida, da existência de uma feminilidade bem sucedida – a esposa ideal. A relação de Antônio e Cleópatra, neste contexto, emergiu como um exemplo pedagógico de uma relação de vícios e doença, que trouxe um destino trágico para aqueles que trilham esse caminho.

Entendemos que o pensamento plutarquiano acerca do gênero se estruturou de forma dicotômica, uma vez que percebemos que o autor contrapôs e marcou essas diferenças utilizando alguns termos: feminilidade exemplar (esposa/γαμετῆς) diferente de uma feminilidade desviante (amante/ἔρωμένην). Assim, a contenda política entre Otávio e Cleópatra apareceu, em um primeiro momento, demarcando a complementariedade de gênero necessária a um homem responsável pelo governo dos outros; ou seja, uma feminilidade capaz de nutrir, no homem, a prática do cuidado de si, cujo objetivo é a conquista de uma vida bela e temperante.

Em um segundo momento da biografia, Plutarco mudou sua postura frente ao lugar ocupado por Cleópatra e Otávio em sua disputa política. Em outras palavras, Plutarco foi demarcando como a rainha egípcia vai se aproximando de códigos de conduta que uma mulher deveria ter na política, evidenciando, ao mesmo tempo, o afastamento de Otávio das práticas de um governante justo. Para exemplificar esta questão, vejamos como o biógrafo descreveu a relação entre estes dois governantes após a morte de Antônio, momento marcado pelo encontro de Otávio e Cleópatra no Egito.

Quanto ao corpo de Antônio, se bem que reclamado por diversos reis e generais que queriam fazer-lhe os funerais, [Otávio] César não o tirou de Cleópatra. Com suas próprias mãos ela o sepultou magnificamente, pois pôde dispor para tanto do que quis. Mas em consequência de tamanha desgraça e de dores físicas (seu peito se inflamara devido aos golpes que ela própria se aplicara e a chaga supurou), tomou-a a febre. Agarrou-se a esse pretexto para abster-se de alimento e desembaraçar-se da vida sem que a impedissem. Seu médico habitual era Olímpio, a quem confiou a verdade; ele a aconselhou e ajudou no projeto de morrer, como declarou no relatório que publicou sobre os acontecimentos. Mas [Otávio] César, desconfiado das intenções de Cleópatra, ameaçou-a e inspirou-lhe o temor pela vida dos filhos. Rendeu-se então, como que mimada por um trabalho de sapa, e deixou-se cuidar e alimentar (*Antônio*, 82.1-2).

Observamos a descrição de um Otávio benevolente, uma característica que marcou a definição plutarquiana do primeiro imperador romano. Assim, ao não tirar o

corpo de Antônio de Cleópatra, Plutarco buscou traçar uma semelhança entre Otávio e homens descritos como modelos de governantes nas *Vidas*. Segundo Perrin (2005, p. 313), o paralelo estabelecido foi com Alexandre, biografado por Plutarco como um líder exemplar, cujos atos demonstrados às mulheres da família de Dário, o imperador persa, foram caracterizados pelo moralista beócio como benevolentes (φιλόανθρωπα). A saber, Alexandre permitiu às mulheres da família de Dário, após a conquista da Pérsia, que enterrassem quem desejassem, utilizando o que precisassem do espólio do Império Persa. Porém, o ato mais honrado e benevolente que receberam foi a vigia constante de seu cativo na câmara sagrada das virgens, assegurando sua integridade física (*Alexandre*, 21). Da mesma forma que Alexandre, Otávio garantiu a segurança de Cleópatra ao tomá-la cativa, permitindo que todos seus desejos fossem satisfeitos (*Antônio*, 79.3); e, como já citado, permitiu que enterrasse Antônio com pompas reais, utilizando o que precisasse do espólio de riquezas dos Ptolomeus.

Ao nos falar da forma como Cleópatra abateu-se e autoflagelou-se no enterro de Antônio, Plutarco revelou como sua referência, para narrar os últimos dias de vida da rainha, foi o relato do médico pessoal da egípcia, Olímpio. Segundo Plutarco, ele auxiliou Cleópatra a receber com afeição (ηγάπησε) a febre (πυρετῶν), com o intuito de colocar um fim à sua vida (παραλύσουσα τοῦ ζῆν). Ao perceber a entrega de Cleópatra à morte, Otávio a ameaçou a vida de seus filhos e de sua filha. Observamos, aqui, dois movimentos importantes da narrativa plutarquiana. O primeiro foi a aproximação de Cleópatra da maternidade; e o segundo foi a transformação do caráter de Otávio, até então mencionado como um líder ideal.

No caso de Cleópatra, após ter certificado a segurança de Cesarion - enviando-o à Índia (81.1) - e de seus outros dois filhos e de sua filha - em cativo, mas com a integridade física (81.1) e a soberania do Egito (78.4) garantidas pelos romanos -, a rainha permitiu-se desistir da vida. Contudo, ao vê-los/a ameaçados/a, Cleópatra rendeu-se (ὕπηρείπετο) pelo artifício de Otávio, desistindo da morte em nome da segurança das crianças. Desta forma, a maternidade se sobrepôs ao interesse político pessoal de Cleópatra, o entregar-se à morte com um meio de resistência e liberdade.

A maternidade, em Plutarco, emergiu com um binarismo de atitudes em Cleópatra: inicialmente, colocando seu lugar como rainha a frente dos filhos e da filha (54.3-4), utilizados/a como parte de suas estratégias políticas; por seguinte, no final de

seus dias, a egípcia se aproximou daquilo que Plutarco considerou um exemplo de mãe, códigos apresentados na figura de Otávia.¹²

O segundo movimento, identificado no capítulo ora analisado, foi a mudança no retrato plutarquiano construído para Otávio, desvinculando-o da imagem inicial de um líder ideal. Ao narrar como o futuro imperador romano tentou manter Cleópatra viva com promessas falsas e ameaças, para levá-la em desfile triunfal pelas ruas de Roma, Plutarco demonstrou como a benevolência deu lugar à cobiça pelo poder. Em seu projeto pedagógico, Plutarco destacou os perigos do excesso do poder por meio da descrição de uma face dissimulada e surgiu como meio de Otávio garantir não só seu sucesso político, mas, principalmente, demonstrar seu poder sobre uma monarca e um compatriota subjugados em guerra. Como exemplo desta nossa assertiva, podemos citar outra passagem da biografia plutarquiana:

Assim prevenida, começou por solicitar a [Otávio] César, que lhe concedeu, permissão para oferecer libações a Antônio. Fez-se conduzir ao túmulo e, prosternando-se diante do monumento funerário com suas fiéis criadas: “Querido Antônio”, murmurou, “quando há pouco te sepultei minhas mãos ainda estavam livres, e agora, que derramo estas libações, estou cativa e vigiada para não poder maltratar entre lamentos o corpo escravo e ficar reservada para o triunfo que será celebrado sobre ti. Não esperes de mim outras homenagens e libações: estas são as últimas que te oferece Cleópatra, a quem planejam levar. Vivos, nada nos separou, mas, mortos, arriscamo-nos a mudar de país; tu, romano, sepultado aqui, eu, infeliz, na Itália, sendo uma tumba a única parte de tua pátria que terei recebido. Mas se os deuses de lá ostentam algum poder (os daqui nos traíram), não abandones tua mulher viva, não permitas que triunfem de ti em minha pessoa. Esconde-me em teu túmulo, pois, entre os males sem conta que me assoberbam, nenhum foi mais terrível ou maior que este curto espaço de tempo em que vivi sem ti” (*Antônio*, 84.3-4).

Após ter se reunido com Otávio e este ter lhe garantido um tratamento magnífico, algo que Plutarco deixou claro ser uma mentira, Cleópatra desconfiou, ao ouvir rumores, que seria levada a Roma em triunfo. Neste contexto, podemos observamos, com maior clareza, a inversão dos papéis de Cleópatra e de Otávio. Na passagem, Plutarco novamente se permitiu pensar em outra imagem de Cleópatra, o que no permitiu perceber como a união de Cleópatra e Antônio passou a ser referenciada como uma relação de afeição ou amizade (φίλια), uma união iniciada por meio do amor

¹² No último capítulo da *Vida de Antônio*, Plutarco ressalta o caráter materno de Otávia, que cuidou e assegurou o futuro dos filhos e das filhas que Antônio tivera com Cleópatra e Fúlvia (87).

erótico ou a paixão (ἔρωζ) foi complementada por um sentimento outro, um amor pautado na virtude conjugal.¹³

Essa questão, portanto, permitiu à Cleópatra plutarquiana se dirigir a Antônio como φίλε (querido/amado) e se nomear como sua γυναῖκα (mulher, no sentido de esposa). A emergência do amor fraternal entre Antônio e Cleópatra pode ser um desdobramento do lugar do general como governante. Como demonstrado anteriormente na análise sobre Otávia, Plutarco percebeu o amor fraternal entre o marido e a esposa como uma característica importante na formação do homem político.

Plutarco descreveu a rainha como cativa (αἰχμάλωτος), seu próprio corpo, foco da vigia de Otávio, se tornou um símbolo de sua escravidão (δοῦλον τοῦτο σῶμα). De tal modo, Cleópatra perdeu sua capacidade de agência no mundo, tornando-se, assim como Antônio em sua morte, uma vítima da fortuna (τύχη); pois sua desgraça foi um fruto das ações das/os deusas/es egípcias/os. O uso do termo fortuna, apesar de não aparecer neste capítulo da biografia, foi utilizado em várias passagens da *Vida de Antônio* (9, 20, 28, 30, 31, 33, 37, etc.); como se o destino definisse o caminho dos biografados de Plutarco, conforme Cleópatra se referiu à intervenção das divindades egípcias.

Neste momento, Otávio surgiu do relato plutarquiano não mais como o homem público exemplar, mas como um político manipulador (83.4). Em nossa visão, Otávio se tornou uma figura que ameaçou e destruiu a instituição familiar e o amor fraternal, questões que aparecem, no final da biografia, com maior nitidez na figura de Cleópatra e são importantes na pedagogia moral plutarquiana.¹⁴

Ao pensarmos a contenda entre Otávio e Cleópatra, identificamos como Plutarco construiu o feminino político, personalizado pela rainha egípcia, de maneira relacional com uma experiência salutar de feminilidade, Otávia, e de masculinidade, Otávio. Em nossa visão, Plutarco buscou demonstrar como essa mulher que fugiu aos padrões de feminino grego auxiliou na construção de Antônio como governante, uma masculinidade “marginal”. Assim, Plutarco construiu Cleópatra a partir de um estranhamento com outros códigos de gênero, uma mulher marcada pelo signo da

¹³ Jeffrey Beneker (2012), ao estudar a questão do amor nas *Vidas*, demonstrou como Plutarco fala, pautado nas considerações aristotélicas, no *eros* como amor erótico, ele se permite pensar na *sophresyne* (justa medida) como um contrabalanço nesse sentimento somático. Assim, nessa leitura das *Vidas*, o casal continua *erastai* (amante), ou seja, a *philia* (amizade ou afeição) não substitui a ligação erótica, mas a complementa e a torna virtuosa.

¹⁴ Sobre a importância da família e do amor conjugal como parte importantes no projeto moral plutarquiano, ver Francesca Albini (1997), Maria Leonor Santa Bárbara (2009) e Sarah Pomeroy (1999).

diferença. Em nossa concepção, Plutarco pontuou como Cleópatra se posicionou, ao exercer política, fora da esfera de experiência de feminino ideal, incorporada por Otávia (esposa e mãe), mas, ao mesmo tempo, não usufruiu de maneira livre desse campo masculino, por isso precisou fazer uso da sexualidade para firmar alianças político com homens. Em nossa leitura, a descrição da disputa entre Cleópatra e Otávio foi uma pequena parte de um discurso pedagógico maior sobre o caráter do homem político de Plutarco, evidenciando, para nós, como o gênero ocupou um papel essencial na construção de um discurso moral sobre a ação política dos líderes antigos.

Seria, então, a primeira caracterização sobre Cleópatra uma visão misógina de Plutarco? Estaria o autor, nessa premissa, ensinando que a ação política de mulheres foi, em algum sentido, prejudicial para a cidade?

A existência de uma misoginia – uma relação sexista contra as mulheres, pautada em uma atitude cultura de ódio e/ou violência – no pensamento antigo vem sendo debatida desde a emergência da segunda onda feminista, na década de 1970 (POMEROY, 1975). Em um estudo sobre o feminino em diferentes textos gregos do período clássico, a historiadora Marta Mega de Andrade definiu como o debate sobre a misoginia antiga esteve vinculado, desde meados do século XX, a um esforço de estudiosas/os para diferenciar a visão ateniense sobre as mulheres dos discursos de feminilidade do século XIX, que encontraram nas mulheres de Atenas uma forma de definir o que é ser mulher.

No primeiro caso, além das relações serem perpassadas e moldadas pelos atributos de gênero (ou seja, a classificação de identidades sociais pelas diferenças de gênero “fazia sentido”), temos a hegemonia masculina – no campo social; o gênero masculino se reproduz como “gênero da cultura”. Isto não representa necessariamente uma inferioridade da mulher, mas, certamente, uma valorização negativa e a subordinação do campo do “feminino”, em grande parte das esferas institucionalizadas da vida social – família, justiça, governo; as mulheres atenienses padeceram de uma espécie de “menoridade”, aparecendo sempre precedidas da figura de um *kurios*. Neste ponto, elas estavam mais próximas dos estrangeiros e dos escravos do que de seus maridos cidadãos, na medida em que os não cidadãos dependiam da intermediação institucional de um “protetor”. No segundo caso, temos a reiteração de um “monopólio” masculino sobre a vida social como um todo, da natureza e da cultura, acarretando não somente a desvalorização e subordinação do “campo” feminino, mas principalmente sua interiorização (a subjetivação da mulher como um ser frágil, menor, tutelado, culpado), a inferiorização de seu “ser social”. Aqui não se trata mais de uma espécie de “menoridade” institucional, mas de uma percepção da incapacidade inerente ao *ser* feminino, de dirigir a própria vida, os próprios instintos e afetos (ANDRADE, 2003, p. 116-117).

A partir da exposição de Marta Andrade, podemos refletir sobre o caso de Plutarco, uma vez que foi caudatário de uma tradição intelectual ateniense. Consideramos incoerente defender uma misoginia em Plutarco, tendo em mente os diferentes textos dedicados à importância das mulheres na sociedade grega e romana, especialmente no tocante a sua atuação como esposa e mãe.¹⁵

A descrição de Cleópatra, mas também de Otávia, foi perpassada por essa descrição valorativa do feminino. Assim, em seus últimos dias de vida, a Cleópatra plutarquiiana abdicou de seu papel eminentemente político como rainha, aproximando-se de papéis e códigos sociais entendidos por Plutarco como próprios das mulheres. Neste sentido, a aproximação de Cleópatra da concepção de feminilidade plutarquiiana, exemplificada e enaltecida na figura de Otávia, fez com que o autor deixasse de ser crítico à rainha egípcia.

Para nós, essa questão fez com que Plutarco concebesse Cleópatra de outra maneira em seu projeto moral e pedagógico, pois, ao se aproximar da natureza (φύσις) feminina inerente ao pensamento plutarquiiano, as ações de rainha egípcia puderam ser percebidas por outro viés analítico e, então, houve a mudança de tom em sua descrição. Podemos inferir, portanto, que o gênero foi parte constituinte do pensamento político plutarquiiano e de suas concepções de organização social, refletindo, assim, na edificação de seu discurso sobre a relação política entre Cleópatra e Otávio.

Portanto, não compreendemos a crítica plutarquiiana à atuação política da rainha egípcia como fruto de um pensamento misógino – algo que se foi produto das formas como a modernidade interpretou a obra plutarquiiana, tanto no campo acadêmico como nas artes. Defendemos, ao contrário, que Cleópatra possuiu uma experiência de gênero que se desenvolveu a partir de processos culturais muito diversos dos vivenciados por Plutarco. Assim, a visão de mundo plutarquiiana, inserida em uma tradição de pensamento fundamentalmente falocêntrica, ao se deparar com uma experiência feminilidade muito diversa da vivenciada pelo autor, parte inicialmente de uma crítica, pois a atuação direta das mulheres no campo da política, talvez, não se enquadrasse numa lógica ou num quadro admissíveis àquela cultura, naquele momento.

Como dissemos anteriormente, a descrição de Cleópatra foi uma pequena parte de um discurso maior sobre o caráter do homem político de Plutarco, cujas relações com

¹⁵ Sobre análises dos tratados morais que abordam mulheres, vide Abbe Walker (2008), Mariana Silveira (2007) e Sarah Pomeroy (1999).

homens influentes de Roma, como Otávio, foram pontos importantes para exemplificar a capacidade destes líderes em efetuar o governo de si e dos outros. Compreendemos, assim, que a rainha egípcia fez – ao se inserir como peça fundamental na compreensão de que tipo de governante foi Antônio e também Otávio – com que Plutarco tivesse que refletir sobre configurações de gênero diferentes das por ele vivenciadas, afetando certezas e convenções culturais de gênero percebidas como fixas e naturais. Os ensinamentos plutarquianos podem ser compreendidos não como um ato misógino, como comumente se pensa, mas pelo estranhamento frente a uma experiência outra de feminilidade.

Ao estar atravessada por sua visão política, a descrição plutarquiana sobre a relação de Cleópatra e Otávio nos permite pensar em lugares e atuações de mulheres nem sempre privilegiadas pela historiografia moderna. Compreendendo-se a Cleópatra plutarquiana como uma figura de linguagem acerca da questão do poder no mundo antigo, os ensinamentos de Plutarco deixam entrever, mesmo que por pequenas brechas, múltiplas formas de como as mulheres estabeleceram íntimas relações com os jogos de poder.

Documentação:

Plutarch. *Life of Antony*. Comments Christopher Pelling. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Plutarch. *Lives IX: Demetrius and Antony; Pyrrhus and Gaius Marius*. Trad. Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London: William Heinemann & Harvard University Press, 1968.

Plutarco. *Vidas Paralelas*. V.5. São Paulo: Paumape, 1992.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Marta Mega. A “Cidade das Mulheres”: A Questão Feminina e a Pólis Revisitada. In: FUNARI, Pedro Paulo etall. *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade: Relações de Gênero e Representações do Feminino*. Campinas: Editora da Unicamp. 2003, pp. 115-147.

_____. O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, 2011.

BALTHZAR, Gregory da Silva. *A(s) Cleópatra(s) de Plutarco: As Múltiplas Faces da Última Monarca do Antigo Egito nas Vidas Paralelas*. Curitiba: UFPR, 2013. (Dissertação de Mestrado em História)

- BENEKER, Jeffrey. *The Passionate Statesman: Eros and Politics in Plutarch's Lives*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- CANDIDO, Maria Regina. *Medeia, Mito e Magia: A Imagem Através do Tempo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2006.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. A Educação Musical nas Vidas de Plutarco: Identidade e Tradição Cultural Grega no Império Romano. In: CERQUEIRA, Fábio Vergara & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Ensaio sobre Plutarco: Leituras Latino-Americanas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2010, p. 95-147
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- JONES, Meriel. *Playing the Man: Performing Masculinities in the Ancient Greek Novel*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- JUNQUEIRA, Nathalia Monseff. *Imagens da Mulher Grega: Heródoto e as Pinturas em Contraste*. Campinas: Unicamp, 2011. (Tese de Doutorado em História).
- LEITE, Letícia Batista Rodrigues. *Sobre os Fragmentos Poéticos de Safo de Lesbos e Idéias da Existência de uma voz Feminina: Reflexões sobre História, Linguística e Literatura*. Campinas: Unicamp, 2009. (Dissertação de Mestrado em História).
- LESSA, Fábio. *Mulheres de Atenas: Méliッサ – do Gineceu à Agorá*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. 41.
- MARTINS, Ana Paula. *O poder da Benevolência: A Participação das Mulheres nas Políticas Sociais do Estado Novo Brasileiro*. Curitiba: UFPR, 2011. (Projeto de Pesquisa)
- MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: Teoria e Política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 9-27.
- NORTWICK, Thomas. *Imagining Men: Ideals of Masculinity in Ancient Greek Culture*. Westport: Praeger, 2008.
- POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Book, 1975.
- _____. Reflections on Plutarch, *Advice to the Bride and Groom: Something Old, Something New, Something Borrowed*. In: POMEROT, Sarah B. *Plutarch's Advice to the Bride and Groom, and A Consolation to his Wife: English Translations, Commentary, Interpretive Essays, and Bibliography*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1999, pp. 33-57.
- SANTOS, Sandra Ferreira. *Eros e Thánatos: O Casamento como Violência Simbólica e Estratégia de Representação Feminina na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. (Dissertação de Mestrado em História)
- SCOTT, Joan. Os Usos e Abusos do Gênero. *Projeto História*, n. 45, pp. 327-351, 2012.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e a Participação Feminina em Esparta. *Saeculum*, nº 12, pp. 11-21, 2005.
- _____. *Plutarco e Roma: O Mundo Grego no Império*. São Paulo: FFLCH-USP, 2007. (Tese de Doutorado em História).

SILVEIRA, Mariana Duarte. *A Imagem Feminina na Moralia: Heroísmo e Outras Virtudes*. São Paulo: FFLCH-USP, 2006. (Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas).

WALKER, Abbe. *Finding virtue in the feminine: Plutarch's precepts for women*. Tallahassee: Florida State University, 2008.